

XIV Jornadas Interescuelas/Departamentos de Historia. Departamento de Historia de la Facultad de Filosofía y Letras. Universidad Nacional de Cuyo, Mendoza, 2013.

Los Estados Unidos y la América del Sur en las páginas del diario de José Miguel Carrera (1815-16).

VILARDAGA y Stella Maris Scatena Franco.

Cita:

VILARDAGA y Stella Maris Scatena Franco (2013). *Los Estados Unidos y la América del Sur en las páginas del diario de José Miguel Carrera (1815-16)*. XIV Jornadas Interescuelas/Departamentos de Historia. Departamento de Historia de la Facultad de Filosofía y Letras. Universidad Nacional de Cuyo, Mendoza.

Dirección estable: <https://www.aacademica.org/000-010/127>

Acta Académica es un proyecto académico sin fines de lucro enmarcado en la iniciativa de acceso abierto. Acta Académica fue creado para facilitar a investigadores de todo el mundo el compartir su producción académica. Para crear un perfil gratuitamente o acceder a otros trabajos visite: <https://www.aacademica.org>.

INTRODUÇÃO

Esta apresentação é parte de uma pesquisa em andamento, que tem como propósito analisar textos de viagem de latino-americanos que se deslocaram para a Europa e para os Estados Unidos ao longo do século XIX. Tem como objetivo estudar as projeções identitárias forjadas pelos viajantes em relação aos lugares visitados e aos seus locais de origem, sobretudo para compreender como a ideia de América Latina figurava em suas concepções.

As viagens são propícias ao afloramento e fortalecimento das identidades pelo fato dos atores envolvidos nessa experiência se situarem frente ao diferente, confrontados com situações incomuns, o que leva à reflexão sobre o que é próprio e alheio ao sujeito da experiência. A proposta é, portanto, notar como os latino-americanos referiram-se ao “Outro”, europeu e estadunidense, mas também como refletiram sobre si mesmos. Negando uma dimensão naturalizada e ao mesmo tempo compartilhando da perspectiva de que a constituição de identidades é fenômeno cultural e historicamente definido¹, parte-se do princípio de que as formas de expressão dos viajantes foram variáveis ao longo do tempo. Para tanto, selecionou-se fontes produzidas no contexto das independências, em meados e em finais do século XIX.

Nesta comunicação o enfoque será colocado especificamente no primeiro destes momentos, abordando-se o diário de viagem aos Estados Unidos, escrito pelo militar chileno José Miguel Carrera durante sua estadia no país, entre 1815 e 1816.

Nas últimas décadas, diferentes estudos sobre a independência na América Espanhola colocaram em evidência a questão das identidades nacionais, realizando uma leitura questionadora do problema. Não teria sido uma consciência prévia da nação o fator que levou os atores implicados nesses processos a lutar pela independência de seus países. A ideia de nacionalidade seria forjada após a independência, coincidindo com a produção da literatura romântica, a partir da década de 1830. São vários os trabalhos

¹ Para uma síntese do debate atual sobre a questão nas Ciências Humanas, ver: PRADO, Maria Ligia C. “Uma introdução ao conceito de identidade”. In: COSTA, Tânia Garcia; BARBOSA, Carlos Alberto Sampaio (Orgs.). *Cadernos de Seminários de Pesquisa: Cultura e política nas Américas*, Assis: Unesp Publicações, 2009.

que apontam para esta perspectiva, mas podemos citar aqui, como referência, os estudos do historiador argentino José Carlos Chiaramonte, nos quais critica a ideia de que uma manifestação de nacionalismo se esboça nas oposições entre espanhóis e americanos no contexto da independência. Segundo o autor esta é uma perspectiva anacrônica, pois projeta “sobre comienzos del siglo lo que será su resultado, la emergencia de la nueva nación”.² Para Chiaramonte, na época da independência, diferentes formas de identidades coexistiam. Estava presente aquela que projetava um pertencimento a um conjunto mais amplo, como o “hispano-americano” (“prolongación del sentimiento de español americano elaborado durante el período colonial”), assim como, na contramão, a que se afirmava em torno da dimensão “provincial, asentado en el sentimiento lugareño”.³ Essas formas identitárias, historicamente construídas, são móveis e ficam mais fortes, mais fracas ou até desaparecem a depender das conjunturas específicas vividas em cada período. Nas palavras do historiador, no contexto da independência elas se sobrepujam “sin claro predominio de alguna, aunque la americana fuera al comienzo la más frecuentemente invocada. Así como, luego del rápido declive de la identidad americana, serán por mucho tiempo las más fuertes las identidades provinciales”.⁴ Seja como for, neste período não estava constituída ainda a ideia de nacionalidade, tão naturalizada hoje, fomentada a partir da década de 1830, paralelamente à difusão do romantismo e em meio à constituição dos Estados nacionais.⁵

Tal questão também se faz presente nos trabalhos que se utilizam dos textos de viagem de latino-americanos como fontes primordiais de suas pesquisas. Frédéric Martínez, em *El nacionalismo cosmopolita. La referencia europea en la construcción*

² CHIARAMONTE, José Carlos. “El mito de los orígenes en la historiografía latinoamericana”. In: *Cuadernos del Instituto Ravignani*, Buenos Aires: UBA, s/d. p.2.

³ Para Chiaramonte, que trabalhou especificamente com a região do Prata, também havia uma forma de identificação mais difusa, que era a “rioplatense”. Idem, *ibidem*. p. 2.

⁴ Idem, *ibidem*. p. 2.

⁵ Trabalhos de vários outros autores adotam semelhante perspectiva. Ela está, por exemplo, presente nos seguintes textos, alguns dos quais serão explorados ao longo deste trabalho: MYERS, Jorge. “A revolução de independência no Rio da Prata e as origens da nacionalidade argentina (1806-1825)”. In: PAMPLONA, Marco A. e MÁDER, Maria Elisa (Org.). *Revoluções de independências e nacionalismos nas Américas. Região do Prata e Chile*. São Paulo: Paz e Terra, 2007; ROJAS, Rafael. “Traductores de la libertad: el americanismo de los primeros republicanos”. In: ALTAMIRANO, Carlos (dir.); MYERS, Jorge (ed.). *Historia de los intelectuales en América Latina*. Madrid: Katz, 2008; PINTO VALLEJOS, Julio y ORTÍZ DE ZÁRATE, Verónica Valdivia. *¿Chilenos todos? La construcción social de la nación (1810-1840)*. Santiago: LOM Ediciones, 2009.

*nacional en Colombia, 1845-1900*⁶, procura dar historicidade à forma como a referência europeia foi apropriada pelas elites. Nesse esforço, Martínez conclui que as relações com o Velho Mundo variaram de acordo com o contexto. Suas pesquisas indicam, por exemplo, uma diferença entre os viajantes do período do imediato pós-independência e as gerações posteriores. Segundo o autor, os primeiros eram mais “cosmopolitas”, mantendo contatos frequentes com o exterior e sendo profundamente envolvidos com a cultura europeia. Corrido certo tempo após a independência, os viajantes passaram a perceber que os europeus não os consideravam como iguais e que nutriam preconceitos em relação à América Latina. Isso teria contribuído para que os colombianos na Europa passassem a projetar imagens positivas de sua nação, mostrando-se críticos em relação às regiões visitadas, o que serviu para fortalecer e legitimar o nacionalismo, sem que isso significasse necessariamente um desprezo em relação aos “modelos importados”.⁷ Se a questão do orgulho nacional aparece colocada, as conclusões desta pesquisa são de que *nem sempre* as identidades afirmadas foram deste tipo. Teria havido uma alteração nas formas de projeção identitária, que se processou entre a geração da independência e a sucessora, quando uma forma de identificação cosmopolita (mais aberta às relações com os estrangeiros ou com menor grau de alteridade em relação a eles) cedeu espaço a expressões de contorno nacionalista.

Pautando-nos em todas essas considerações, propomos uma análise do diário de José Miguel Carrera aos Estados Unidos, escrito cerca de dois anos antes de se declarar a independência do Chile. Produzido em um contexto de mudanças tão rápidas no que diz respeito à questão das identidades, colocamo-nos algumas perguntas: qual é o “eu” que o autor evoca? Não mais colonial, ainda não plenamente conformado como nacional... O que se processou, em termos de projeções identitárias, neste interregno?

A mente militar de Carrera, disciplinada e objetiva, extravasa no diário, dominado por um estilo pouco verborrágico e (quase) estritamente dirigido para o fim a que se propunha: anotar as conquistas diárias alcançadas no périplo por terras *yankees*, concernentes às negociações de armas, embarcações e contingente para as lutas de independência na América do Sul, mais especificamente no Chile. Algumas raras concessões, entretanto, são feitas pelo autor, acusando as formas de compreensão que possuía a respeito da América, de sua população, de suas formas de pertencimento. São

⁶ MARTÍNEZ, Frédéric. *El nacionalismo cosmopolita. La referencia europea en la construcción nacional en Colombia, 1845-1900*. Bogotá: Banco de La República; Instituto Francés de Estudios Andinos, 2001.

⁷ Idem, *ibidem*. p. 244.

estes aspectos que pretendemos explorar em seu diário, cumprindo os seguintes passos: primeiramente apresentaremos de forma sumária o personagem, o contexto de sua viagem e de produção de seu diário; na sequência procuramos mostrar os termos utilizados para designar a América e a sua população, evidenciando o caráter polissêmico das palavras; em seguida tentaremos enfatizar que, a despeito dos termos linguísticos alcançarem múltiplos significados, a América Espanhola ganha melhor definição quando se apresenta na contraposição à Espanha. Aqui, é possível entrever um senso patriótico, associado a uma noção de solidariedade continental. Ainda tentando perfilar noções mais específicas, procuramos observar seus comentários em relação aos Estados Unidos. Nem sempre existe, aqui, uma comparação direta com a cultura de origem. Ela, entretanto, se apresenta de forma implícita. As apreciações sobre os aspectos culturais são, em geral, de estranhamento, ao passo que as observações em relação às características políticas da nação estadunidense têm o caráter de valorização e reconhecimento. Por fim, o Chile. Ainda que se compartilhem da crítica à concepção da nação preexistente, é inegável uma maior presença do Chile em relação a outras partes da América no diário. Também é possível verificar, ainda que de forma episódica, a projeção de uma dimensão afetiva em relação a este espaço. Não podemos concluir que esta seja uma forma de nacionalismo, nem tampouco que isso fomentou as lutas de independência. Por outro lado, remarca uma ligação com o lugar de nascimento e de atuação, que distingue e separa esta porção – o Chile - de outras na América.

O MILITAR, A VIAGEM E O DIÁRIO

José Miguel Carrera Verdugo viveu entre 1785 e 1821. Era de família *criolla* e teve intensa atuação política na chamada *Patria vieja*, isto é, no período que se estendeu dos primeiros anos desde o início das lutas de independência, no Chile, até a restauração monárquica, em 1814. Carrera subiu ao poder com um golpe militar em 11 de setembro de 1811. Durante sua permanência no poder deu alguns passos no sentido da institucionalização de um governo independente. Alguns exemplos são o juramento da primeira bandeira e a elaboração do primeiro regimento constitucional, de 1812. Sua permanência como líder foi entrecortada por uma série de incidentes políticos. Em 1813 o Chile foi alvo de uma invasão militar, que partiu do Vice-Reino do Peru, governado por José Fernando de Abascal. Estava à frente desta intervenção, o brigadeiro Antonio Pareja, que se apoderou de Concepción e Chillán. Carrera sitiou esta última cidade, ação desastrosa do ponto de vista militar, o que acabou resultando em sua substituição à

frente do exército patriota, por Bernardo O'Higgins, no início de 1814. Com a morte de Antonio Pareja, Abascal designou o brigadeiro Gabino Gaínza como comandante dos realistas. Temendo a reação realista, um Cabildo Aberto decidiu substituir a Junta por um governo unipessoal, dirigido pelo Diretor Supremo Francisco de la Lastra, que costurou o Tratado de Lircay entre O'Higgins e Gaínza. Este tratado significava a reversão do estado de rebeldia e o retorno à condição de lealdade à Espanha. Inconformado, em julho de 1814, Carrera empreendeu novo golpe, derrubando o Diretor de la Lastra e fundando uma nova Junta, o que foi motivo de profundas incompatibilidades com Bernardo de O'Higgins. A fragilidade que se instalou no campo da luta independentista foi acirrada com o envio, desde Lima, do general realista Mariano Osório, que contava com um exército numeroso e bem equipado. A Batalha de Rancagua, em outubro de 1814, colocou fim à Pátria Velha, durante a qual Carrera cumpriu papel político fundamental.⁸ Sua atuação como líder popular neste período vem sendo debatida e revista pela historiografia.⁹ Com a restauração monárquica de Fernando VII e a retomada do Chile, em 1814, pelos realistas, Carrera passou para as Províncias Unidas do Rio da Prata, buscando reorganizar, dali, a luta independentista. Junto com outros compatriotas, intentava ajudar na retomada da posição dos rebeldes, que estavam então sendo liderados por José de San Martín. O plano de San Martín era conquistar o Peru, depois de alcançar a independência do Chile. Neste processo, Carrera foi preterido e O'Higgins, beneficiado politicamente por San Martín, o que foi fonte de acirramento das hostilidades já existentes anteriormente.

Em 1815, vários desentendimentos já marcavam as relações de Carrera e San Martín. Carrera tentara convencer o Diretor Supremo das Províncias Unidas, Carlos María de Alvear, a marchar com seu exército para o Chile, mas San Martín, tendo sido consultado, impôs seu veto. Ele mesmo viria a ser, futuramente, o líder da expedição ao Chile (mas Carrera só veio a saber disso quando de seu retorno dos Estados Unidos). Os

⁸ Para um resumo dos acontecimentos do período e o envolvimento de Carrera, ver SILVA GALDAMES, Osvaldo. *Breve historia contemporânea de Chile*. México: Fondo de Cultura Económica, 1999. pp. 127-131.

⁹ Grande parte dos trabalhos sobre Carrera se apoia numa "leitura populista" do personagem, sustentando que ele governou com amplo apoio das camadas populares. Uma bibliografia recente contesta esta interpretação, aludindo a outras formas de apoio, mais tradicionais, como as conexões familiares e o aparato militar, bem como discutindo o significado de "povo" em seu discurso. Para um resumo dessas discussões, vide: PINTO VALLEJOS, Julio y ORTÍZ DE ZÁRATE, Verónica Valdivia. Op. cit., pp. 33-34. Estes autores constataam, a partir da leitura do *Diario Militar* de Carrera (retrospectivo aos anos da *Patria Vieja*) e de outros documentos, que o "povo" retratado nos textos figura de forma abstrata, servindo de "garante virtual de sus actos políticos", não correspondendo, portanto, ao *bajo pueblo*, que raramente aparece nos documentos. *Idem, ibidem*. p. 36

desentendimentos com San Martín foram fundamentais para que o militar chileno resolvesse viajar aos Estados Unidos, com o propósito de buscar, por sua própria conta, apoio para a causa da emancipação.

Empreendeu sua viagem entre novembro de 1815 e finais de 1816. Em fevereiro de 1817 estava de volta à América do Sul. Em seu retorno, ele e sua expedição, trazida dos Estados Unidos, não puderam passar, junto com San Martín, para o Pacífico, em razão dos atritos mencionados anteriormente. Tinha firmado compromissos que não conseguiu pagar e houve então uma dispersão das embarcações e de seu contingente.¹⁰ Para piorar um pouco a situação de Carrera, depois da independência, o poder do Chile foi oferecido, pela Assembleia recém instituída, a San Martín, que o negou alegando a necessidade de dar continuidade ao seu plano de atacar o Peru. San Martín passava então seu bastão para O'Higgins, que a partir daquele momento assumiu o poder no Chile. Carrera permaneceu nas Províncias Unidas, onde interveio nas lutas civis engendradas a partir do rechaço dos caudilhos à Constituição unitária de 1819. Por causa disso acabou fuzilado em 1821 (seus dois irmãos já tinham sido, em 1818). No cenário das independências da América Espanhola, que levou os *criollos* ao poder, instalando ao mesmo tempo entre os últimos uma situação de disputas políticas, podemos entendê-lo como tendo sido um vencido entre os vencedores.

A fonte estudada é um Diário, no qual escreve quase que cotidianamente entre 9 de novembro de 1815 e 26 de outubro de 1816 e narra passagens por cidades como Annapolis, Baltimore, Washington, Nova York, Filadélfia, Huntington e Wilmington. O diário foi publicado em livro em 1996 e é esta edição que utilizo. O texto publicado tem 119 páginas. Trata-se de um texto curto, mas de leitura penosa, sobretudo pelo excesso de nomes citados, que são simplesmente anotados, sem maiores explicações ou contextualizações.

A história de como o Diário foi preservado é curiosa. Depois que Carrera morreu sua esposa, viúva, casou-se com Diego José Benavente, um político chileno, que era também um patriota exilado. Com sua família ficou todo o material referente a Carrera. Grande parte da documentação do militar foi colocada à disposição do historiador Benjamín Vicuña Mackenna, autor de uma das principais obras a respeito dos irmãos

¹⁰ BARROS, José Miguel. "Prólogo". In: CARRERA, José Miguel. *Diario de viaje a Estados Unidos de América*. Santiago: Editorial Universitária, 1996. pp. 17-18.

Carrera.¹¹ O Estado chileno acabou incorporando o material referente à vida de Carrera ao acervo do Arquivo Histórico Nacional, mas o diário não ficou entre esses papeis, pois foi dado como pagamento aos serviços advocatícios que José Antonio Varas prestou às irmãs de Benavente, com quem foi casada a viúva de Carrera. Em 1912, um dos descendentes de José Antonio Varas escreveu um artigo na *Revista Chilena de historia y geografía*, comentando sobre o diário. E depois disso que ele foi parar, não se sabe como nem quando, no Arquivo Nacional.

Não se trata de uma narrativa, mas de anotações diárias sobre os avanços nas negociações travadas com comerciantes de armas e de embarcações e sobre possíveis acordos para arregimentar contingente. Assim, apesar do diário tratar de uma variedade de temáticas, pode-se dizer que o seu fio condutor é a montagem da expedição.

A viagem de Carrera não pode ser entendida como um fato isolado, mas faz parte de um cenário mais amplo, de constituição das relações comerciais e diplomáticas entre Estados Unidos e América do Sul no contexto da independência da América Espanhola. Sob a presidência de James Madison (1809-17), os Estados Unidos ostentavam uma posição de neutralidade em relação à independência. Curiosamente, a declaração, proclamada em 8 de setembro de 1815, foi descoberta por Carrera em alto mar, em 28 de dezembro do mesmo ano, 49 dias depois de zarpar de Buenos Aires e duas semanas antes de atracar em terras norte-americanas.¹²

Isso não impedia, entretanto, que fossem travadas relações comerciais, que incluíam venda de armamentos, munições e embarcações - sobretudo navios de guerra. Este comércio, inclusive, precedia a viagem e Carrera aos Estados Unidos. Elas eram feitas por agentes hispano-americanos, enviados pelas principais lideranças das guerras de independência, e estes visitavam os principais mercados norte-americanos. Arthur Preston Whitaker, em *Os Estados Unidos e a independência da América Latina (1800/1830)*, comenta os limites da declaração de neutralidade, mostrando como ela mantinha uma porta aberta para o lucrativo comércio de guerra e mencionando alguns dos principais atores envolvidos nessas negociações:

Madison também permitiu que agentes revolucionários procedentes da América Espanhola residissem nos Estados Unidos. Manteve correspondência informal com eles e não impediu que os mesmos – assim como não impediu o não-reconhecido embaixador espanhol [Luís de] Onís – comprassem munições neste país e as

¹¹ VICUÑA-MACKENNA, Benjamín. *El ostracismo de los Carrera*. Santiago: Imprenta del Ferrocarril, 1857.

¹² CARRERA, José Miguel. Op. cit., p. 32.

embarcassem para seus respectivos governos. De Buenos Aires, veio Diego de Saavedra e Juan Pedro de Aguirre; da Venezuela, Telésforo de Orea e Juan Vicente Bolívar, irmão do futuro libertador, Simón Bolívar, que estava na Inglaterra, na mesma ocasião, em missão semelhante; de Cuba, José Alvarez de Toledo; e de Cartagena, Manuel Palacio Fajardo (...) O propósito desses agentes de Buenos Aires [Saavedra e Aguirre] era conseguir suprimentos militares para seu governo...¹³

De acordo com o mesmo autor, o governo norte-americano não se comprometia oficialmente, e mesmo os mercadores norte-americanos, não queriam assumir os riscos envolvidos na empreitada. Um dos mais importantes mercadores, que travou contato com os atores acima citados e também com Carrera foi John Jacob Astor. Entretanto, houve manifestações de simpatia com a causa da independência, mas sem comprometimento oficial. Esta manifestação se fazia em nome da solidariedade hemisférica e da divulgação dos ideais republicanos.¹⁴

Além da presença de enviados hispano-americanos nos Estados Unidos, agentes de comércio norte-americano também viajaram pela América Espanhola. Esses agentes não raro recebiam encargos diplomáticos, uma vez que as relações exteriores ainda não estavam plenamente institucionalizadas. Um desses agentes comerciais que acabou atuando como funcionário consular foi Joel Roberts Poinsett, que tinha estado em Buenos Aires, Chile e Peru antes da viagem de Carrera, e que foi, posteriormente, um dos principais interlocutores do militar chileno quando de sua viagem aos Estados Unidos. Outro personagem importante nessa ligação entre Estados Unidos e América Espanhola foi David Porter. Ele era capitão da Marinha dos Estados Unidos e foi mandado ao Chile a serviço naval durante a Guerra de 1812. No Chile, travou contato com a família de Carrera e, posteriormente, o recebeu nos Estados Unidos.¹⁵

No que diz respeito à arregimentação de contingente, alguns fatores conjunturais acabavam por fazer dos Estados Unidos um território atrativo para os hispano-americanos. O primeiro deles estava relacionado à disponibilidade de soldados, remanescentes da chamada segunda guerra de independência dos Estados Unidos, travada com a Inglaterra em 1812 e concluída em 1814. Whitaker cita um documento de 1815 no qual o embaixador espanhol nos Estados Unidos, Luís de Onís, contava,

¹³ WHITAKER, Arthur Preston. *Os Estados Unidos e a independência da América Latina (1800/1830)*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1966. p. 51.

¹⁴ Idem, *ibidem*. p. 60.

¹⁵ Idem, *ibidem*. p. 110.

preocupado, às autoridades de Madri, que esse contingente vinha se atrelando aos insurgentes hispano-americanos. De acordo com o historiador:

Em quase todas as cidades dos Estados Unidos, informava [Onís], oficiais do exército que perderam o emprego, por causa da celebração de paz, estavam se reunindo, para decidir se ingressariam nos exércitos insurretos do México e da América do Sul. Já quase duzentos oficiais em Boston e um grande número em Baltimore haviam-se decidido a assim agir. E um grupo de tais voluntários estava, na realidade, a caminho, tendo partido de Nova York, na escuna *Comet*, para Cartagena. Expedições semelhantes estavam sendo preparadas em outros portos dos Estados Unidos. Muitos corsários americanos haviam também perdido o emprego, por causa do fim da guerra com a Inglaterra e como esses navios eram construídos para serem velozes e tinham espaço muito pequeno para carga, para que fossem comercialmente aproveitáveis, seus proprietários os estavam vendendo aos insurretos que vinham procurando vasos de guerra, para serem usados contra a Espanha.¹⁶

Além disso, os Estados Unidos constituíram lugar de asilo político de figuras emblemáticas do exército de Napoleão, que lá se abrigaram depois da queda do imperador. Carrera travou contato com alguns destes homens, inclusive com José Bonaparte que, pelo que tudo indica, lhe facilitou alguns trâmites nos Estados Unidos. Depois de ter sido banido da Espanha em 1812, José Bonaparte estabeleceu-se na França, de onde teve que sair no contexto da derrota de Napoleão, vindo a exilar-se nos Estados Unidos. Carregava uma fortuna, extraída do tesouro espanhol.¹⁷ No *Diário*, menciona um encontro pessoal com José Bonaparte, em Nova Iorque, em 6 de julho de 1816. As anotações dão a entender que Bonaparte pouco falou sobre aquilo que Carrera estava verdadeiramente interessado, já que descreve com certo desdém o seu palavrório:

Visito... a José Bonaparte, quien me ha entretenido três horas con su conversación reducida a manifestarme la necesidad de no perder tiempo en nuestra revolución, a enterarme de su conducta en España, de los malos pasos que allí dio el Emperador, etc., etc., etc. Muchas ofertas, muestras de amistad, etc.¹⁸

Carrera mostra-se mais entusiasmado com os contatos que travou com Rafael Gravier del Valle, um andaluz pertencente ao círculo de Bonaparte, quem na prática o ajudava com a montagem de sua expedição. De toda maneira, era Bonaparte quem dava o aval a seu subordinado. É o que demonstram duas anotações no diário, em Filadélfia, em agosto de 1816. Na primeira, Carrera afirma que encarregou del Valle, sob

¹⁶ Idem, *ibidem*. p. 80-81.

¹⁷ CARRERA, José Miguel. Op. cit. nota 70, p. 83.

¹⁸ Idem, *ibidem*. p. 83.

recomendação de Bonaparte, a armar um buque pequeno¹⁹; na segunda, narra ter ouvido de del Valle que havia esperanças de que conseguisse o que desejava, e que Bonaparte o protegia.²⁰

Outro aspecto interessante que marca o contexto de permanência de tais agentes hispano-americanos nos Estados Unidos é a sua relação com a imprensa norte-americana, dividida nas posições em relação à independência da América Espanhola. Carrera, em sua estadia nos Estados Unidos, aproximou-se de editores que tinham um comprometimento explícito com a causa independentista. Um dos que cita em seu diário é Hezekiah Niles, editor do *Nile's Weekly Register*, para quem Carrera fornecia textos e informações sobre a situação política na América do Sul. Em 2 de fevereiro de 1816, quando estava em Baltimore, escreveu em seu diário: “Entregué a Niles, autor de un periódico así titulado, una relación del estado de defensa, etc., que tenían en Noviembre las Provincias de Buenos Aires. Me ofrece publicarlo en la próxima semana”.²¹

Nesta ocasião, já havia evidente envolvimento de Niles, por intermédio de seu periódico, com a independência. Pouco tempo antes de Carrera fornecer-lhe informações sobre a América do Sul, em novembro de 1815, o periódico publicava, sobre o México, a seguinte opinião:

É espantoso quão indiferente a grande maioria do povo dos Estados Unidos parece, em relação aos eventos nessas extensas regiões [a América Espanhola]. Isso pode, parcialmente, proceder de nossa ignorância de sua real situação, e do que acontece. É estranho que os sentimentos da nação fossem tão exaltados no sentido de ‘*libertar*’ a velha Espanha de Bonaparte, quando tão pequeno interesse é despertado para a *real* libertação do novo mundo do domínio de um bobo, patife e fanático [Fernando VII da Espanha]. A liberdade do México sozinha é, na verdade, cinquenta vezes mais importante para os Estados Unidos do que foi o resgate da Espanha, das mãos de Napoleão, sob um ponto de vista comercial, independente daquelas aspirações que, como republicanos, devemos ter com a emancipação.²²

Outro defensor da independência com que quem Carrera se relacionou foi Joseph H. Skinner. Ele era agente de correios de Baltimore e assinava artigos em periódicos nos Estados Unidos usando o pseudônimo “Lautaro”. Sabendo das discórdias entre o grupo de Buenos Aires e Carrera, afirmava, na imprensa norte-americana, que o governo de Buenos Aires era muito subserviente à Inglaterra para arrogar o estatuto de país livre. Atiçar a anglofobia era uma forma de propagandear a independência na América Espanhola. As diferenças de posição no interior das lutas de independência acabavam

¹⁹ Idem, *ibidem*. p. 94.

²⁰ Idem, *ibidem*. p. 95.

²¹ Idem, *ibidem*. p. 42.

²² *Apud* WHITAKER, Arthur P. Op. cit., p. 101.

ecoando na imprensa norte-americana, que também se dividia no apoio a bandos e partidos. O apoio a Carrera em detrimento da chancela ao governo de Buenos Aires passou pela capitalização dos antagonismos entre norte-americanos e ingleses.²³ Por outra parte, havia uma imprensa também defensora dos ideais realistas, da qual o próprio Carrera foi alvo. Em seu diário, dá mostras de que sofreu acusações da imprensa tendente a defender os realistas, sendo protegido, pela parte oposta na contenda. Assim, em 19 setembro de 1816, quando estava na Filadélfia, anotou: “Infame nota en la realista gaceta de *Evening Post*”. Um dia depois narrou a resposta do jornal opositor: “Contesta perfectamente el *Columbian* la falsedad de *Evening Post* de ayer”. E um dia a mais, tomou nota: “Contesto a Poinsett y le incluyo pedazos de gacetas con las noticias de México y la acusación a mí en *Evening Post*, con la respuesta del *Columbian*”.²⁴

Como se pode perceber, o *Diário* de viagem de Carrera dá mostras de que apesar da neutralidade do governo norte-americano, havia uma forte disposição ao engajamento por parte de diferentes grupos: mercantis, políticos e intelectuais. Mas à parte estas aproximações, que serviu para mostrar o contexto de realização da viagem e de produção do diário – documento aqui primordialmente abordado -, pretendemos abordar a questão identitária e a primeira estratégia que nos ocorreu foi identificar a maneira pela qual Carrera nomeiou as diferentes partes da América e o próprio continente.

A AMÉRICA EM TERMOS

De acordo com Rafael Rojas, ao mesmo tempo em que a nação era, antes de 1830, uma entidade simbólica inexistente, a ideia de “América” e “americanos” guardava uma “singular polisemia”. Podia referir-se a uma região muito específica da América como a parte substancial do continente.²⁵

Tal afirmação tem ressonância neste trabalho, uma vez que no *Diário* de Carrera, o termo América e suas derivações abrigam os mais diversos significados. A América Espanhola e seus habitantes são designados simplesmente como “América”, “americanos”, como no trecho a seguir, no qual reproduz o discurso de um armador e comerciante de Baltimore, Henry Didier, que havia lhe oferecido um buque para o

²³ WHITAKER, A. P. Op. cit. pp. 110-112.

²⁴ CARRERA, J. M. Op. cit., p. 108-109.

²⁵ ROJAS, Rafael. “Traductores de la libertad: el americanismo de los primeros republicanos”. In: ALTAMIRANO, Carlos (dir.); MYERS, Jorge (ed.). *Historia de los intelectuales en América Latina*. Madrid: Katz, 2008. p. 208.

curso. Segundo anotações de Carrera, Didier estaria “dispuesto a todo lo que conduzca al bien de los americanos”.²⁶

Além de notar a polissemia dos termos, cabe ressaltar principalmente os desdobramentos em uma multiplicidade de nomes para designar as mesmas regiões. “América del Sud”, “Sud América” ou simplesmente “Sud”²⁷ são utilizados para designar a região para a qual seguiriam os apetrechos de guerra adquiridos por ele, isto é, as Províncias Unidas do Rio da Prata e o Chile. Mas as diferentes partes da América do Sul são ainda designadas por seus nomes específicos: “Chile”, “Províncias de Buenos Aires” e simplesmente “Buenos Aires”²⁸ são mais comuns para referenciar a região meridional da América do Sul, enquanto “Caracas, Santa Fé y Cartagena”²⁹ são utilizadas para referir-se à região setentrional da América do Sul.

Outra especificação que desponta é a distinção entre América/americanos do Sul e do Norte. Em 17 de janeiro, narra em seu diário que havia escrito a seu irmão, Luis Carrera. Entre os acontecimentos que descreve, conta-lhe que “había buena disposición de los americanos del Norte”, e que esperava muito deles em pouco tempo.³⁰ Como se percebe, utilizou “americanos do Norte” para referir-se aos Estados Unidos. Mas os americanos do norte podiam ser também o mexicanos. Em 5 de fevereiro, na Filadélfia, registra que comprara um atlas dos Estados Unidos “en la misma tienda [que] se está concluyendo una famosa carta de toda la América del Norte, incluso México.”³¹ Em alguns casos, sobretudo quando trata da região de fronteira entre México e Estados Unidos, provavelmente para evitar confusões, utiliza designações que aludem, no caso da América Espanhola, à herança colonial. Opõem-se, então, aos “americanos dos Estados Unidos” os “americanos espanhóis”. Afirma sobre a proclamação de neutralidade de Madison, de 1815, que estava “reducida a decir a los americanos de los Estados Unidos que todos los que tomaban parte en la causa de los americanos españoles debían persuadirse que era a su peligro”.³² Usando os mesmos termos, registra no diário que assistiu a uma sessão do Congresso, em Washington, na qual se tratava de “americanos españoles” refugiados na Flórida e de corsários insurgentes que

²⁶ CARRERA, José Miguel. Op. citp. p. 36.

²⁷ Idem, *ibidem*. pp. 37, 43, 45, 48 e 49.

²⁸ Idem, *ibidem*. pp. 40, 43, 50.

²⁹ Idem, *ibidem*. p. 43.

³⁰ Idem, *ibidem*. p. 35.

³¹ Idem, *ibidem*. p. 42-43.

³² Idem, *ibidem*. p. 32.

tinham entrado naquele porto.³³ Em uma última passagem, remete à herança colonial inglesa para designar os norte-americanos. Em New Heaven, a 6 de março, conta que havia morrido um personagem da cidade, deixando uma grande herança, sendo que a maior parte ficou para os filhos varões, e uma mínima parcela para as filhas mulheres. Na sequência, faz o seguinte comentário: “No hay cosa en que no se conozca lo mal que tratan los *ingleses americanos* al bello sexo”.³⁴

Não era fácil definir a América. Como foi mostrado, a inclusão do México na América do norte trazia certas complicações, não sendo suficiente a equiparação de “americanos dos Estados Unidos” à América do norte. Da mesma maneira, havia territórios que estavam ainda inteiramente em mãos espanholas, como era o caso de Cuba. Talvez por isso, Carrera tenha preferido referir-se aos *habaneros* simplesmente como *españoles*. Em Nova Iorque, em 11 de fevereiro, durante a visita que fez a um buque de guerra observou uma corveta que estava atracada e que tinha sido comprada por comerciantes de Havana para trazer escravos da África ou para servir como “paquete” de La Habana a Veracruz. Eis o comentário de Carrera: “Siento ver tan bon buque en manos de españoles...”³⁵

As palavras vão ganhando significado de forma dinâmica neste contexto de grandes mudanças. Como se sabe, durante as independências, os termos “pátria”/ “patriota” foram evocados tanto por realistas quanto por “insurgentes” (como eram chamados, pelos espanhóis, os adeptos da independência).³⁶ Mas no discurso de Carrera, essas palavras eram tão somente mobilizadas para designar os hispano-americanos envolvidos com a independência.³⁷

Pode-se abstrair das observações acima, que os termos não têm um significado imanente. Em razão de sua polissemia, ele precisa ser circunstanciado, entendendo-se o contexto específico de sua utilização bem como os referenciais culturais, ideológicos e políticos de seus porta-vozes.

Assim, acreditamos ser possível aprofundar a compreensão dos significados evocados por Carrera ao mobilizar alguns termos, ampliando o leque de visão e observando outras características presentes em seu relato. Tratamos a seguir da forma como, para ele, ideia de americano se constitui na oposição ao espanhol, na mesma

³³ Idem, *ibidem*. p. 39.

³⁴ Idem, *ibidem*. p. 57. Grifos nossos.

³⁵ Idem, *ibidem*. p. 46.

³⁶ PINTO VALLEJOS, Julio y ORTÍZ DE ZÁRATE, Verónica Valdivia. Op. cit. p. 47.

³⁷ Idem, *ibidem*. p. 38 e 52.

medida em que patriota se opõe a realista. Isto pode ser identificado não somente no uso dos vocábulos, mas principalmente nas manifestações de preocupação com relação à situação da guerra de independência na América do Sul.

PARA ALÉM DOS TERMOS: AMÉRICA *VERSUS* ESPANHA; PATRIOTAS *VERSUS* REALISTAS

Jorge Myers afirma, para a região do Rio da Prata, algo que talvez possa ser estendido a outras partes da América, como o Chile. Segundo o autor,

se não existia uma clareza completa sobre qual era a identidade precisa do povo que protagonizava a revolução, nem sobre quais seriam os limites do novo estado responsável por sua expressão política, era muito clara, pelo contrário, a identidade do adversário: os espanhóis peninsulares, ainda mais após a restauração de Fernando VII na Espanha.³⁸

Da mesma maneira, Rafael Rojas afirma que “la noción de *americano*, contrapuesta a lo *uropeo*, remitía en una zona del discurso separatista, a una entidad simbólica mayor, que comprendía toda Hispanoamérica, desde la Patagonia hasta Nuevo México.”³⁹

O Diário de Carrera dá mostras de como era presente uma compreensão – para nós talvez hoje muito estranha – de pátria. De acordo com Pinto Vallejos e Ortiz de Zárate, o conceito de “pátria” era, para os independentistas, mais importante do que o de povo. Pátria podia estar tanto ligado a local de nascimento como a um ideal mais amplo, de “pátria americana”.⁴⁰ No discurso separatista esta era uma concepção muito presente. Isto dá sentido a um trecho das memórias de Vicente Rocafuerte, no qual afirmou:

En aquella feliz época todos los americanos nos tratábamos con la mayor fraternidad; todos éramos amigos, paisanos y aliados en la causa común de la independencia; no existían esas diferencias de peruano, chileno, boliviano, ecuatoriano o granadino que tanto han contribuído para debilitar la fuerza de nuestras mútuas simpatías.⁴¹

³⁸ MYERS, Jorge. “A revolução de independência no Rio da Prata e as origens da nacionalidade argentina (1806-1825)”. In: PAMPLONA, Marco A. e MÄDER, Maria Elisa (Org.). *Revoluções de independências e nacionalismos nas Américas. Região do Prata e Chile*. São Paulo: Paz e Terra, 2007. p. 85

³⁹ ROJAS, Rafael. Op. cit., p. 208.

⁴⁰ PINTO VALLEJOS, Julio y ORTÍZ DE ZÁRATE, Verónica Valdivia. Op. cit., pp. 44.

⁴¹ Citado por ROJAS, Rafael. Op. cit. p. 223.

Carrera participava desta comunidade de interesses, que ligava como que numa rede os líderes independentistas e que fez com que a noção de pátria estivesse articulada a uma ideia de América livre e na oposição aos espanhóis representantes do despotismo monárquico e da restauração.

Talvez um dos traços mais marcantes de seu diário – ao lado da obsessão que tinha com o êxito na articulação de sua expedição – seja a preocupação em registrar a situação das lutas de independência, que acompanhava via imprensa, cartas e conversas. Anotou em seu diário, uma infinidade de vezes, as correspondências trocadas com seu irmão, Luis, a propósito dos acontecimentos no México, mas sobretudo na Venezuela e Nova Granada. Os lances entre o realista Pablo Morillo e Simón Bolívar, pelo lado dos patriotas, foram os que mais prenderem a sua atenção.

Havia cerca de dois anos que Morillo tinha sido enviado pelos espanhóis para a Nova Granada, com um exército de 10.000 homens e 18 navios de guerra. Para alcançar “a paz”, Morillo demonstrou habilidades militares, assim como extrema determinação na repressão aos sublevados. Não sem razão, esse período ficou estigmatizado pelo nome de “regime de terror”. O número de mortos nos combates foi alto, assim como o de prisioneiros, muitos dos quais condenados ao fuzilamento. Finalmente, os exércitos de Bolívar foram se impondo, as deserções nas hostes realistas aumentaram e após a vitória em algumas batalhas decisivas, a independência foi proclamada em definitivo. Mas até que isso ocorresse, era um sentimento de tensão e incerteza o que prevalecia. Some-se a isso o fato de que as notícias eram acompanhadas dia a dia, mas à distância, sendo por isso acessadas com defasagem temporal e atravessadas por versões que podiam chegar distorcidas em razão dos caminhos que percorriam, sendo traduzidas de periódico a periódico. Vale acompanhar, nesse sentido, algumas anotações de Carrera nas quais se evidencia os muitos caminhos de uma notícia e também as desconfianças em relação ao que lia. Em 3 de junho narra desencontros nas versões dos periódicos com relação às performances de Morillo: “Mr Lusch me da el *Argos* de Albany y en el veo verificadas mis sospechas respecto de las glorias de Morillo, a quien lo pintan destrozado las gacetas de Jamaica”.⁴² Em 21 de junho, registra mais informações desencontradas: “Noticias favorables a Morillo en la gaceta *Columbian* del día de ayer, pero con una nota del editor en contra. La *Mercantil Advertencia*, más noticias em favor de Bolívar, fecha de hoy”.⁴³ Até que em 24 de junho começam a chegar as boas

⁴² CARRERA, J. M. Op. cit. p. 78.

⁴³ CARRERA, J. M. Op. cit. p. 80.

notícias, parece que mais certeiras: “Se reciben muy buenas noticias. Parece que Morillo y Morales han sido derrotados por Urdaneta y Torricer en Santa Fe”; e novamente, quatro dias depois: “Nuevas noticias de Bolívar muy satisfactorias”.⁴⁴

Os trechos citados são uma ínfima parte das referências às notícias da guerra, que são dominantes no relato. Referências a outros líderes hispano-americanos também mostram a força de uma identidade americana no discurso separatista. Um dos personagens mencionados é casualmente um chileno, José Cortés de Madariaga, que tinha se dirigido à Jamaica e a quem Carrera nutria esperanças de levar de volta ao Chile. A este conterrâneo, o militar chama de “digno patriota”.⁴⁵

Na maioria das vezes o inimigo ou o anti-patriota era associado ao espanhol. Vejamos a descrição que Carrera faz do Embaixador da Espanha nos Estados Unidos, Luís de Onís: “...aborrezco a Onís por la investidura de Embajador del infame Fernando y porque sé que sus intenciones y su corazón son contra la causa; y, sobre todo, que mi carácter, mi patriotismo y mi delicadeza me mandan no mirar semejante gente.”⁴⁶ Essa situação, entretanto, contava com algumas exceções, pois, como se sabe, havia *criollos* favoráveis ao realismo. Dessa maneira, apesar de predominante, nem sempre o fato de se ter nascido em território americano era o que assinalava a identidade. Mais forte do que isso era a certeza da adesão à causa. Isso pode ser comprovado na narração que faz a respeito de um caraquenho, Miguel del Arroyo, que conheceu nos Estados Unidos. Carrera desconfiava que ele não era partidário da independência, e o descreveu em tons nada amigáveis: “Se dice patriota; pero yo lo creo enemigo de la causa: o es muy sin carácter, o un espía poco hábil”.⁴⁷

OS ESTADOS UNIDOS EM PERSPECTIVA: INSPIRAÇÃO POLÍTICA; ALTERIDADE CULTURAL

Como mostrado anteriormente, uma das formas de dimensão da identidade se constituiu, de forma prioritária, pela oposição política aos realistas (sobretudo os espanhóis, mas não exclusivamente). Trata-se de uma afirmação identitária pela constatação da alteridade. Se a Espanha figurava como anti-modelo político para Carrera, não se pode dizer o mesmo em relação à sua apreensão dos Estados Unidos.

⁴⁴ CARRERA, J. M. Op. cit. p. 81.

⁴⁵ CARRERA, J. M. Op. cit. p. 68-69.

⁴⁶ CARRERA, J. M. Op. cit. p. 71.

⁴⁷ CARRERA, J. M. Op. cit. p. 71.

Não há no Diário muitas referências ao sistema político norte-americano e Carrera não tece elogios nem estabelece comparações explícitas entre os Estados Unidos e a América Espanhola. A comparação, entretanto, está subentendida e desponta de maneira muito sutil em algumas referências e passagens que indicam significado simbólico.

A liberdade, um dos lemas dos norte-americanos desde a independência, é uma das inspirações de Carrera no país visitado. Ela aparece ressaltada no comentário que faz a um encontro que teve com o presidente dos Estados Unidos em Washington, em 25 de janeiro de 1816: “Mr. Porter me ha llevado en su coche a ver el Presidente, cuyo hombre me ha parecido muy bien y manifiesta en todo que es Jefe de una nación libre”.⁴⁸

A liturgia cívica também lhe é cara. Lembremo-nos que foi sob seu governo que foi confeccionada a primeira bandeira e o escudo do Chile.⁴⁹ Carrera conhecia, e muito bem, a importância simbólica dos atos celebrativos e das efemérides.⁵⁰ Registrou, assim - ainda que brevemente, como era o seu estilo -, o aniversário de 40 anos da independência dos Estados Unidos. Ainda que não explicitado, não é de se descartar a hipótese de que projetasse o mesmo tipo de comemoração para a “sua” América, quando mencionou em seu diário tal efeméride: “grande contento de los americanos por el aniversario de su Independencia”.⁵¹

Acreditamos que as principais referências, entretanto, dizem respeito à República.⁵² Parece ficar claro que Carrera se identifica com os Estados Unidos em termos políticos pela adoção de defesa do republicanismo. Mas ao mesmo tempo associa, de forma irônica, a República a um aspecto monetário. Na primeira passagem, narra brevemente a visita que fez a um museu em Baltimore. Ao referir-se a este passeio, anota: “... visité el Museo, en el que coloqué una moneda de la república Bonaerense”.⁵³ Provavelmente Carrera não remeta propriamente a um “pagamento”; aludia a uma troca simbólica, na qual está subentendida a mensagem de que a região americana de onde provinha também aspirava a adotar o sistema republicano de

⁴⁸ Carrera, J. M. Op. cit., p. 38.

⁴⁹ Para uma análise destes ícones, vide: PINTO VALLEJOS, Julio y ORTÍZ DE ZÁRATE, Verónica Valdivia. Op. cit., pp. 54.

⁵⁰ Não parece ser a toa que anota, em 12 de maio, em seu Diário, aniversário de três anos desde que tinha se processado o final do cerco de Chillán, no qual ele protagonizou: “A las nueve de esta noche, aniversario de la fuga de Chillán”. CARRERA, J. M. Op. cit., p. 75.

⁵¹ Idem, *ibidem*, p. 82.

⁵² Sobre o republicanismo na América Hispânica, vide: ROJAS, Rafael y AGUILAR, José Antonio (Coord.). *El republicanismo em Hispanoamérica. Ensayos de historia intelectual y política*. México: Fondo de Cultura Económica, 2002.

⁵³ CARRERA, J. M. Op. Cit., p. p. 40.

governo, seguindo o mesmo caminho perscrutado pelos Estados Unidos. A moeda também é uma insígnia que representa a autonomia do país. Na segunda passagem, a referência ao valor monetário tem conotação irônica. Carrera tinha encomendado um mapa e, como é frequente em seu Diário, reclama do preço: “Me dice el Comodoro Lewis que Mr. King me dejará la carta topográfica si le doy 60 pesos por ella. Sé positivamente que le costó 40; pero el desea ayudar la libertad americana metiendo a su republicano bolsillo 20 pesos de utilidad. Ejemplo”.⁵⁴ Se a república é um valor positivo, a exploração monetária aparece como crítica. Carrera mostra-se consciente de que está em um Estado liberal, no qual o lucro individual é um traço dominante.

Sem pretendermos recair em anacronismos, não é possível deixar de lembrar que, durante o século XIX e, de maneira mais intensa no início do século XX, constituiu-se e fortaleceu-se um imaginário latino-americano em relação aos Estados Unidos, fundamentado na crítica ao que seriam traços dominantes da cultura anglo-saxã: o materialismo, o desprezo ao culto do intelecto e o individualismo. Na contraposição a esta imagem, a América Latina figurava de forma positivada representando o idealismo e o espiritualismo. Essas representações que opunham latinos e anglo-saxões alcançaram repercussão, primeiramente, no contexto do Império de Napoleão III. Na primeira metade do século XIX, Michel Chevalier produziu ideias que dariam sustentação às pretensões imperialistas do Segundo Império francês. O autor defendia a existência de rivalidades entre ramos da civilização ocidental: de um lado estavam os latinos ou romanos, de religião católica, entre os quais a França se destacaria como a primeira das nações; de outro, se encontrava a “raça germânica”, dentre os quais incluíam-se os anglo-saxões, que professavam o protestantismo como prática religiosa.⁵⁵ A dicotomia “saxões *versus* latinos” foi empregada politicamente para legitimar as pretensões francesas sobre a América de colonização espanhola, apelando-se a um projeto de unidade dos povos latinos; ao mesmo tempo, representava uma forma da França tentar barrar as projeções de expansão dos Estados Unidos (país que seria portador do legado anglo-saxão) sobre o continente americano. Em meados do século, a corrente do “panlatinismo” já teria popularizado a versão que encontraria, posteriormente, muitos adeptos inclusive na América Latina, cujo principal representante foi o uruguaio José Enrique Rodó. Nesta versão os povos latinos seriam

⁵⁴ Idem, *ibidem*, p. 40.

⁵⁵ QUIJADA, Mônica. “Sobre el origen y difusión del nombre ‘América Latina’(o una variación heterodoxa en torno al tema de la construcción social de la verdad)”. In: *Revista de Indias*. Vol. LVIII, nº 214. Espanha: CSIC, 1998. p. 599.

portadores de uma “superioridad espiritualista o idealista”, contraposta a um espírito “pragmático o empirista”, pelo qual os anglo-saxões eram caracterizados.⁵⁶

Ainda que com alguma defasagem temporal, as observações irônicas de Carrera já pareciam assinalar que aquelas práticas estavam sendo forjadas na cultura norte-americana e que de alguma maneira soavam para ele de forma estranha.

Assinala um distanciamento cultural ao realizar certas observações sobre a religião. O primeiro estranhamento estava no fato de que lucro e religião não eram necessariamente incongruentes. Ao descrever uma igreja protestante em New Heaven, Connecticut - onde, segundo o autor, o povo era “obstinado em religião”, conta que a construção do templo custou 34 mil pesos, que foram rapidamente recuperados com a venda de seus assentos, que renderam o dobro do valor investido.⁵⁷ Também visitou uma Igreja católica, remarcando que ali havia assentos, mas que não eram vendidos.⁵⁸

Em diferentes ocasiões Carrera participou dos cultos religiosos protestantes e permitiu-se fazer comentários irônicos ou desdenhosos em seu Diário. Em Baltimore, foi à igreja metodista e na sequência anotou: “En la noche visité una Iglesia de metodistas y me ha divertido el ver las ridículas ceremonias de esta religión”.⁵⁹ Em Nova Iorque, participou de um culto na igreja presbiteriana e reparou na sobriedade e na falta de rituais especiais:

No hay más que un púlpito, cubierto de un paño negro, en el que, durante las dos horas, que dedican las mañanas de los domingos, predica (...) un sacerdote que en su traje parece un particular. Su tono es particular y no levanta la voz más que lo muy preciso para ser oído de todos.

Las gentes no se arrodillan. Se mantienen sentados o parados, según lo exigen las ceremonias, lo mismo los hombres que las mujeres, que se sientan mezclados. Las mujeres con sus gorros puestos y en el mismo traje que gastan en sus casas.⁶⁰

Em diferentes ocasiões, também reclama da excessiva calma e do tédio aos domingos no país de religião protestante⁶¹, discrepante com o caráter festivo dos católicos, que o autor também critica. Aqui, a referência à cultura hispânica é direta: “El

⁵⁶ FUNES, Patrícia. “Del Mundus Novus al Novomundismo. Algunas reflexiones sobre el nombre de América Latina” In: DAYRELL, Eliane Garcindo e IOKOI, Zilda Gricoli (Org.). *América Latina contemporânea: desafios e perspectivas*. São Paulo; Rio de Janeiro: Edusp; Expressão e Cultura, 1996. p. 82.

⁵⁷ CARRERA, J. L. Op. cit., p. 57.

⁵⁸ CARRERA, J. L. Op. cit., p. 53.

⁵⁹ CARRERA, J. L. Op. cit., p. 36.

⁶⁰ CARRERA, J. L. Op. cit., p. 53.

⁶¹ CARRERA, J. L. Op. cit., p. 46.

desorden y poco decoro con que se presentan las gentes en esta iglesia [católica] es como el que se observa entre los españoles”.⁶²

O fato de descrever diferentes religiões, cujos cultos pôde frequentar às vezes num mesmo dia, mostra também algo que, embora pouco ressaltado por Carrera, foi muito valorizado no discurso de outros hispano-americanos que frequentaram os Estados Unidos no mesmo período das independências: a liberdade religiosa, como um valor que devia pautar a fundação das novas nações latino-americanas.⁶³

Foi intenção mostrar aqui que, ao lado da identidade “americana” e “patriota” que marcou o discurso separatista de Carrera – e de outros independentistas -, o Diário captou outras formas de identidade, relacionadas a aspectos políticos e culturais da realidade norte-americana. O alcance da independência, as liturgias cívicas, a consolidação da república eram traços que Carrera projetava para a “sua” América. Entretanto, estranhava algumas características culturais, que se mostravam alheias à tradição hispânica: a sobriedade na manifestação religiosa e o acento na busca do lucro financeiro.

O LUGAR DO CHILE

De acordo com bibliografia recente não se verificou no período em foco a existência de uma ideia de nação associada a uma cultura nacional. Entretanto, não se nega que uma concepção de identidade ampla possa ter convivido com uma noção de pátria associada ao local de nascimento. Nesse sentido, Carrera dedicou uma atenção especial ao Chile, região bastante citada em seu diário. Não se verifica aqui a chamada “retórica do exílio”, como viria a ocorrer décadas depois no discurso romântico, remarcando uma expressão propriamente nacional, mas alguns comentários, com caráter simbólico, emergem no diário colocando o Chile em evidência.

Ademais de vislumbrar vários projetos para quando o Chile alcançasse a independência, mandou produzir insígnias para identificar os apetrechos de guerra. Pouco tempo depois de chegar aos Estados Unidos, Carrera mandou fazer um selo do Chile, que provavelmente usaria para estampar as armas e demais utensílios bélicos arregimentados para montar sua expedição.⁶⁴ E perto de partir, combinou com o Henry

⁶² Idem, *ibidem*. p. 53.

⁶³ ROJAS, Rafael. Op. cit. p. 217.

⁶⁴ CARRERA, J. M. p. 65.

Didier, a quem encomendou embarcações, que “el buque hará el curso con la bandera de Chile”.⁶⁵

Por fim, narrou um episódio, à primeira vista despretensioso, mas que carrega também uma carga simbólica. Em Wilmington, já perto do final de sua viagem, contou ter conhecido um tal senhor Dupont, que descreveu como um “excelente viejo”. Foi por ele presenteado com dois livros sobre a educação da juventude. Trocaram endereço, prometendo mutuamente que iriam se escrever. Carrera prometeu, ademais, lhe enviar vinhos de Huasco y Concepción.⁶⁶

Face à frieza do diário do militar, a descrição carrega certa carga dramática. Os livros voltados à juventude aludem ao futuro da nação: jovem, livre, ilustrada. Os vinhos representam a produção local, da pátria chilena. Carrera parece projetar simbolicamente, no Diário, trocas que poderiam se tornar, futuramente, intercâmbios mais concretos. Não só nesta ocasião, como observando outras na trajetória de Carrera, somos tentados a nos perguntar o que teria sido se a história não tivesse acontecido como aconteceu. Carrera nunca mais conseguiu voltar ao Chile. Mas aí abriríamos margem para especulações por demais subjetivas, e o que se pode afirmar, com base na leitura de seu Diário, é que ademais de americano, republicano, patriota, Carrera valorizava também o Chile. Como local de nascimento, esta região, que sucessivamente ele chama de “país”, tem uma presença tanto retrospectiva quanto prospectiva em seu Diário.

⁶⁵ CARRERA, J.L. Op. cit. p. 118.

⁶⁶ Idem, *ibidem*, p. 117.